



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

INSTITUTO DE HUMANIDADE E LETRAS (IHL)

LINCENCIATURA EM LÍNGUA-PORTUGUESA

Valdo Augusto Malú

**A história social e política da Guiné-Bissau nas canções de José
Carlos Schwarz**

São Francisco do Conde

2018

Valdo Augusto Malú

**A história social e política da Guiné-Bissau nas canções de José
Carlos Schwarz**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para
a obtenção do título de Licenciado em Língua-
Portuguesa.

Orientador: Igor Ximenes Graciano

São Francisco do Conde

2018

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

M227h

Malú, Valdo Augusto.

A história social e política da Guiné-Bissau nas canções de José Carlos Schwarz / Valdo Augusto Malú. - 2018.

51 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano.

1. Guiné-Bissau - História - Movimentos de autonomia e independência. 2. Guiné-Bissau - História - Canções e música. I. Schwarz, José Carlos, 1949-1977 - Crítica e interpretação.
II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 966.5

Valdo Augusto Malú

A história social e política da Guiné-Bissau nas canções de José

Carlos Schwarz

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Língua- Portuguesa.

Data: 24/09/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Unilab

Prof.^a Dr.^a LÍlian Paula Serra e Deus

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Unilab

Prof. Dr. Ismael Tcham

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - Unilab

Dedicatória

Aos meus pais, que tanto amo.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para trilhar as dificuldades da vida acadêmica. De modo geral, dirijo o meu agradecimento às instituições brasileiras Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e o Ministério de Educação do Brasil (MEC), por terem sempre prestado apoios aos estudantes dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

De modo particular, agradeço, sobretudo, à minha família, e a algumas pessoas que considero especiais, pelo apoio incondicional, pelo carinho incansável e constante.

Ao professor Igor Ximenes Graciano pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possíveis a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais, Augusto Malú e Cristina Cantibara, grato pela educação que me deram ao longo dos anos, o que me fez colher o fruto do bem que eles almejaram por mim. Por falar em família, estendo logo os meus agradecimentos às minhas irmãs e meus irmãos Tayh Augusto Malú, Giracema A. Malú, Inoçance dos Santos Malú, Liopoldo Malú, Jaclina dos Santos Malú, Zito Indequê, Vanusa, Adão Cristiano Mendes Malú, Augusto Biague, Gidis, Arlindo Valentim, Ludmila, Iria, Florence Malú, Faram, Eulália, Ulili Malú, Esmeralda Miranda, Nilde Mancabo, Alein Indequê, Zezinho, Ibrahim, Varsônia Biague Olegário, Amir, Netchi, Heldis Jusleive, Iva, Gildo, Julinho.

Devo gratidão também aos meus amigos Dico, Jean Ferreira, Vladimír Sá, Cubilas, Guto, Lino, Iano, Lote, Valdair, Aldair, Nelson, Isaias, Dedé, Joselito, Eunice, Djamila, Aua, Tania, Nancassa, Bernardo, Gilson, Nabine, Ermezinda, Alexandre, Patche, Inaldina, Baticã, Dito, Janica, Vania, Vanita, Magno, Seco, Agostinho, Jeronimo, Emilio, Valdo, Jú, Dadi, Viki, Cró, Emo, Sambite Ricardo, Nemésio, Robert Sara, Aila, Dulce, Andre, Juel, Edsana, Dino Sousa, Ivo, Noé, Rosa, Cadija, Adulai, Alfa, Vimpres, Lunice, Tchuca, Manuel, Bruno, Dario Fernandes.

Também devo gratidão a Hildo Afonso Lopes, Domingos Baranção, Papa Camala, Dan Iala, António Sanca, Milanca da Costa, Francisco Napocam, Arnaldo Barai, Paulo Baranção, Duarte Mendes. A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Resumo

Neste trabalho nos debruçamos sobre como as canções de José Carlos Schwarz, especialmente as compostas em língua crioula (o guineense), serviram de impulso para a disseminação da luta pela libertação da Guiné-Bissau, assim como criticaram os desvios ocorridos na gestão do país após a libertação. A dominação colonial portuguesa a Guiné-Bissau, um território situado na costa ocidental africana, remonta ao século XV, contudo, a partir do dia 23 de janeiro de 1963, deu-se início a luta armada que durou 11 anos pela guerrilha do PAIGC, então liberado por Amílcar Cabral, até que finalmente o país conquistou sua independência em 24 de setembro de 1973. Durante esse período da luta armada, a língua crioula e a canção serviram como instrumentos da resistência, de maneira que a vanguarda desse movimento foi do cantor José Carlos Schwarz e sua banda Cobia Djazz. Empenhado com os propósitos da libertação da Guiné-Bissau, o cantor e compositor denunciou o colonialismo através das representações e metáforas presentes em suas canções. Após a independência, JC Schwarz não só teceu críticas contundentes à forma pela qual o país estava sendo gerido, como também presenciou e testemunhou a separação entre Guiné-Bissau e Cabo- Verde. Veremos também que na contemporaneidade as canções de JC são muito lembradas para celebrar a independência, assim como continuam a conclamar pela “reconstrução nacional”, fato ainda desconhecido pelos guineenses.

Palavras-chave: Guiné-Bissau - História - Movimentos de autonomia e independência. Guiné-Bissau - História - Canções e música. Schwarz, José Carlos, 1949-1977 - Crítica e interpretação.

Abstract

In this work we focus on how José Carlos Schwarz's songs, especially those composed in the Creole language (Guinean), served as a spur for the dissemination of the struggle for the liberation of Guinea-Bissau, as well as criticizing the deviations that occurred in the management of the country after the liberation. The Portuguese colonial domination of Guinea-Bissau, a territory located on the west coast of Africa, dates back to the 15th century, however, starting on January 23, 1963, the armed struggle that lasted 11 years for the guerrilla of the PAIGC began, then liberated by Amílcar Cabral until finally the country gained its independence on September 24, 1973. During this period of armed struggle, Creole and song served as instruments of resistance, so that the vanguard of this movement was the singer José Carlos Schwarz and his band Cobiana Djazz. Committed to the purposes of the liberation of Guinea-Bissau, the singer and composer denounced colonialism through the representations and metaphors present in his songs. After independence, JC Schwarz not only made strong criticisms of the way the country was being managed, but also sensed and witnessed the separation between Guinea-Bissau and Cape Verde. We will also see that in contemporary times the songs of JC are highly remembered for celebrating independence, as they continue to call for "national reconstruction", a fact still unknown by Guineans.

Keywords: Guinea-Bissau - History - Movements of autonomy and independence. Guinea-Bissau - History - Songs and music. Schwarz, José Carlos, 1949-1977 - Criticism and interpretation.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
I. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DA GUINÉ-BISSAU	
1.1 Panorama histórico, social e cultura da Guiné-Bissau.....	12
1.2 Jose Carlos Schwarz: Pai da música moderna guineense	15
1.3 A canção como representação simbólica da nação.	18
ANÁLISE LITERÁRIA DAS CANÇÕES NO PERÍODO COLONIAL	
2.1 Canção como gênero literário	21
2.2 Contribuição musical de Cobiana Djazz e legitimação do José Carlos Schwarz como compositor.....	23
2.3 A luta pela libertação nas canções de Jose Carlos Schwarz.....	24
II. CANÇÃO COMO CRÍTICA AO MODELO DE GESTÃO NO PÓS- INDEPENDÊNCIA DE GUINÉ-BISSAU	
3.1 O desvirtuamento das ideias do PAIGC	34
3.2 A separação entre Guiné e Cabo Verde	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

INTRODUÇÃO

A literatura é um forte artefato que nos conduz a pensar e ouvir as vozes comumente silenciadas ou caladas. Similarmente é uma expressão cultural e meio de afirmação dentre vários pressupostos da vida e da história de um povo, um país e uma nação.

Em *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido vai nos propor a compreensão da literatura como sistema a partir da noção de que ela se constitui pelo tripé Autor, Obra e Público. Candido aborda o estudo do sistema literário numa perspectiva sociológica. Acreditamos que essa noção de tripé para a abordagem da literatura proposta por Candido também pode ser produtiva na abordagem da obra de Jose Carlos Schwarz cujo lugar no sistema da estrutura literária guineense baseava-se na ideia de um Autor (no caso, JC Schwarz), uma obra (suas canções) e um público (o povo guineense que conhecia essas canções por intermédio do rádio). Se fossem poemas escritos, publicados em livro, sua obra não teria o grande impacto que teve no contexto guineense aqui pesquisado. Então, de acordo com essa perspectiva sociológica, compreendemos que JC compõe dentro de um gênero, a canção, em um meio de amplo alcance de público, o rádio.

Tratar das canções de José Carlos Schwarz é importante e instigante na medida em que as evidências e representações de suas canções dão um testemunho do momento histórico da libertação, tanto que essas canções revolucionárias ainda são muito presentes no cotidiano e na vida dos guineenses. Esse fato também pode ser verificado nas poesias e canções que na maioria são expressamente compostas na língua **guineense**¹ (o crioulo).

A resistência ao sistema colonial, especialmente a “língua do dominador”, faz com que a língua guineense se torne um meio de veiculação da resistência presente nas

¹ O termo Guineense: A escolha do nome **Guineense** [grifo do autor] para designar a língua crioula da Guiné-Bissau, termo já utilizado por Marcelino Marques de Barros em 1897, ajudará a respeitar melhor o estatuto desta língua, verdadeiramente nacional, veicular e interétnica, e a evitar a conotação depreciativa que o termo crioulo tem ainda no país e no mundo. A língua é produto e veículo de cultura, entendendo por cultura tudo aquilo que faz viver do ponto de vista psicológico, intelectual, espiritual e material de uma pessoa humana específica num ambiente específico: o apoio a uma língua é muito importante, do ponto de vista político, para o desenvolvimento ou o desaparecimento de uma cultura. (ROCHA apud SCANTAMBURLO, 1999, p. 6).

canções de JC, pois impossibilita, para colonos portugueses, a compreensão das expressões e mensagens nelas contidas e musicadas.

Podemos dividir as canções do JC em dois grandes períodos da história da nação guineense: 1) as canções compostas no período colonial que serviram como meio de alerta para o anúncio de algo ruim a luta anticolonial, ou seja, algum complô que está para acontecer, assim como as que retrataram o luto por vários motivos, especialmente quando faleceu alguma grande personalidade da luta pela libertação; 2) as canções que expressaram as desilusões que marcaram o período após a independência política.

Escolher as canções do JC como tema deste TCC é muito significativo, visto que o trabalho transcende o período de atuação de JC, na medida em que suas canções remetem não só uma lembrança do passado colonial, mas também ao presente do cotidiano bissau-guineense, como podemos ver tanto nas canções de teor revolucionário analisadas no segundo capítulo quanto nas canções que expressam as desilusões do período pós-independência analisadas no terceiro capítulo.

Com o passar dos anos, as canções de JC estão ainda muito presentes na memória dos guineenses porque as reivindicações outrora sufragadas que culminaram em uma luta de 11 anos já não servem, ou seja, foram postas de lado pelos que tomaram o poder. Esse fato logo no início teve atenção do JC. Na verdade, essas contradições do passado têm ainda repercussão na situação atual de Guiné-Bissau, uma vez que da má acção do colonizador só se modificou a face: do colonizador europeu para o gestor guineense. Como salienta a dupla cancionista Iva e Ichi que, em um verso da canção “Puti di Mel kebra”, afirma que a Guiné como país se libertou, mas seu povo ainda não está liberto. Essa afirmação reflete justamente o que diziam as canções de JC no período da pós-independência, onde ele faz uma dura crítica dos valores que foram invertidos em razão de uma postura que não coaduna com a diretriz e os princípios ideológicos da luta pela libertação nacional.

As canções do JC revelam ainda as ideias e exigências revolucionárias. Quando, após a independência, os dirigentes da Guiné não granjearam as propostas feitas por Amílcar Cabral, não se cumpria a consciência política dos guineenses revolucionários. Na verdade, essas propostas foram engavetadas, como, por exemplo, o “programa maior”, que não foi executado devido aos mal-feitos herdados do conflito interno do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), os quais se proliferaram. Vícios implantados da pós-independência ainda são presentes no seio dos

dirigentes do PAIGC e de toda a classe política, assim como na sociedade guineense em geral. O fenômeno de “*Apili*” é recorrente e veio a ser um fator cultural presente na sociedade guineense cujas inversões de valores e constantes retrocessos vêm se repetindo durante esses 45 anos da sua emancipação.

A lição de moral e chamadas de atenção nos leva à conclusão que nas canções de JC foram levados em consideração à pobreza e miséria e o estado de degradação que o país se encontra e vive até presente data. Merece uma atenção especial o fato de que as mensagens da maioria das canções de JC são coerentes com as ideias de Amílcar Cabral, uma abordagem revolucionária cheia de ideias patrióticas para as quais de fato muitos não deram (e não dão) a devida importância, ainda que na verdade ressaltassem uma visão relevante que merece ser levada em consideração. As características política, literária e cultural da obra de JC carregam uma ideia de literatura que não se restringe aos grandes clássicos e à leitura silenciosa, pois agregam a oralidade e a performatividade, diversificando assim o sistema literário nos termos de Candido. A canção, portanto, foi à expressão literária com que JC se utilizou para narrar e se posicionar diante de um dos fatos mais importantes da nossa história como país e como nação.

Independente desde 24 de setembro de 1973, a nação só foi reconhecida em 10 de setembro de 1974, momento que marcou o início do rumo político de um novo Estado, agora totalmente sob responsabilidade do povo guineense, ou, melhor dizendo, nas mãos dos dirigentes políticos guineenses. A Guiné-Bissau, desde então totalmente independente e administrada pelos nativos, “teve ao longo dos anos muitas metamorfoses políticas que lhe proporcionaram grandes e graves contratemplos para a consolidação da democracia, estabilidade política e desenvolvimento socioeconômico” (AMONA, *apud* CUNHA, 2015, p.9).

A esse fato podemos associar crises cíclicas no seio de partido libertador que governou o país desde a proclamação no dia 24 de setembro até 7 de junho de 1998. Sendo assim, não é possível compreender a situação histórica, política e socioeconômica da Guiné-Bissau sem passar pelos grandes problemas no seio do PAIGC até a data presente. Afinal, considero PAIGC como um partido-estado, pois quando há essas crises internas no Partido, imediatamente isso repercute na sociedade guineense.

A primeira foi o golpe do estado de 14 de novembro 1980 que derrubou Luís Cabral, primeiro presidente da República. Depois disso, a briga interna no PAIGC levou ao conflito militar de 7 de junho de 1998, que culminou com a queda do governo do mesmo partido, liderado por Carlos Gomes Júnior em 2004, sendo reeleito em 2008.

Em 2012, a crise interna levou a um golpe de estado afastando assim, pela segunda vez, Carlos Gomes. A mesma originou a queda do governo de 11 meses liderado por Domingos Simões Pereira e, por conseguinte, resultou na alternância de 7 outros governos e primeiros ministros numa só legislatura, o que demonstra o tamanho da influência do PAIGC como um partido-estado.

Diante dessa retrospectiva histórica do país, é possível perceber a importância da chamada de atenção de JC no início desse imbróglio que resultou na perda de vida de muitas pessoas e, por conseguinte, levou à situação socioeconômica pouco favorável devido às constantes crises e golpes de estado que o país conheceu de 1980 até 2012, e que gerou ainda mais pobreza. A pouca infraestrutura que havia foi devorada pelo conflito militar do ano de 1998, de que, penso, advém o título tão evocativo da obra da Moema Parente Augel, referência central deste trabalho: “O desafio do escombros”.

O termo escombros, entretanto, pode também enfatizar outro sentido bem diferente: o de oferecer a probabilidade de sair do que esta destruindo, fragmentado, em demolição, indo para o pólo oposto: para a pertinência da construção, da imaginação e, por conseguinte, para um universo de sonhos que se podem tornar possível. A autora, ao analisar os textos literários guineenses, chama atenção para o fato de que estes buscam saídas, problematizam e questionam os impasses, dão vozes aos anônimos das realidades locais, estimula utopias por meio de intensos cantos poéticos, ao mesmo tempo em que denunciam os problemas e desmandos ainda existentes no país. Sem dúvida, as literaturas nacionais sempre serão armas poéticas que apontam para a necessidade de uma construção coletiva. (AUGEL, 2007, p. 16)

O objetivo de trabalho visa efetuar a análise do discurso nas canções de José Carlos Schwarz onde a introdução trará a contextualização geográfica do território que decorrer do século XV era antiga império do Mali, e depois passou por um processo da ocupação colonial portuguesa, e posterior a uma luta armada, e hoje um território independente chamada de Guiné-Bissau. E os capítulos desse trabalho irá debruçar nas análises do discurso presente nas canções e a visão referente ao sucedido. No primeiro capítulo o José Carlos Schwarz faz a denuncia da opressão exercida pelo regime colonial, e no segundo capítulo enaltece o progresso da luta e os êxitos alcançados e no terceiro tras e fala das desilusões da pos-independencia que o país veio a conhecer através de novos administradores nesse caso os nativos. As metodologias a serem usadas são: bibliográficas, e mídias digitais e as futuras repostas dessas canções serão evidencias para uma reflexão á todos guineenses no que trata do real situação contemporânea da Guiné-Bissau. Se no caso essas denuncias feitas nas canções

foram levadas em consideração qual país teríamos hoje?

I. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DA GUINÉ-BISSAU

1.1 Panorama histórico, social e cultural da Guiné-Bissau

Ao contextualizar o processo histórico literário do país compreendido como a atual República de Guiné-Bissau, pode-se iniciar com a memória de seus primeiros habitantes, que, segundo Augel (2007), ocupavam parte do antigo Império do Mali. Para Silva (2000), a “África, muitas das vezes, é referida como não tendo nenhuma história antes da chegada dos europeus. Desse modo, a história se iniciaria com a descoberta desse continente pelos portugueses, no período de sua expansão marítima” (SILVA, apud KIZERBO, p. 34). A partir dessa afirmação, compreende-se que de fato o continente africano sempre é relacionado ao estigma de não possuir seres pensantes cuja história é uma das mais antigas da humanidade, como podemos perceber na fala do iluminista francês Montesquieu:

Os negros não têm senso comum. Dão mais importância a um colar de vidro do que ao ouro, facto que, entre as nações policiadas, é de tão grande consequência. É impossível supormos que tais gentes sejam homens, pois se os considerássemos homens começaríamos a creditar nós próprios não somos cristãos. Os espíritos mesquinhos exageram muito a injustiça que se faz aos africanos, pois se ele fosse tal como dizem não teria ocorrido aos príncipes da Europa, que estabelecem entre eles tantas convenções inúteis, fazer uma delas em favor da misericórdia e piedade? (MONTESQUIEU, 1973, P. 223).

O cenário do estereótipo enraizado pelo eurocentrismo no continente africano, por meio de uma visão distorcida sobre o continente africano, principalmente a de não possuir seres capazes de produzir algum tipo de conhecimento, a não ser práticas consideradas exóticas ao padrão europeu. Isso nos mostra um olhar deturpado do Ocidente europeu em relação à África. Contudo, há estudos realizados sobre o continente que quebraram o preconceito estabelecido ao longo da história. Entre esses estudos, destacamos o do poeta e filósofo senegalês Cheik Anta Diop sobre a egiptologia. Esses estudos irão quebrar com o paradigma da percepção ocidental que até hoje persiste sobre o continente africano.

No caso da Guiné-Bissau, o sistema colonial português foi ainda mais brutal se comparado às demais colônias portuguesas, o que se pode observar até a data de hoje. Vale ressaltar que Guiné-Bissau é um país de língua oficial portuguesa que possui um

mosaico cultural rico e diversificado. Além do crioulo, compreendido e falado como língua de unidade nacional, o país tem mais de 27 grupos étnicos, em que cada um deles fala a sua própria língua e tem sua prática cultural. Situada na costa ocidental do continente africano, estendendo-se por uma área de 36.125 km², sua superfície é de 24.800 km². Sua população é atualmente estimada em cerca de um milhão e oitocentos mil habitantes. O país é limitado com Senegal ao norte, e a leste e ao sul com a Guiné-Conakry. Segundo Augel (AUGEL, p. 49, 2007),

O primeiro registro dos navegadores portugueses na Guiné foi por volta de 1446 com a chegada das caravelas portuguesas à costa ocidental africana, concretamente no território que viria a ser chamado de província ultramarina da Guiné-Portuguesa. (AUGEL, p. 51, 2007).

Note-se que os portugueses, ao chegarem à costa da Guiné, foram bem recebidos pelos nativos, contudo essa recepção não durou muito, uma vez os portugueses, em vez de conviverem em paz com os donos da terra, respeitando as práticas culturais dos nativos, impuseram a religião católica como uma forma de salvação à “terra dos pretos”, o que foi um desrespeito para a cultura guineense e às lideranças nacionais. Isso provocou hostilidade e ataques constantes dos nativos às frotas dos navegantes portugueses na costa ocidental, impedindo a expansão religiosa e o comércio dos escravizados. Esses atos racistas do Ocidente em relação à África corroboram a visão desumanizadora já aludida na obra de Montesquieu “O espírito das Leis” publicado em 1748, para quem a maioria dos povos das costas da África é selvagem ou bárbara. Supõe-se que essa afirmação se deva ao fato de o autor resumir a África às regiões quase inabitáveis, ocupadas pelas savanas, onde geralmente viviam os povos indígenas.

Não têm indústria; não têm artes; possuem em abundância metais preciosos que lhes permite quase nada do que vem de nós. Andam nus; não possuem as vestes, e a religião, que tem sobre eles tanto poder, provoca-lhes repugnância pelas coisas que nos servem de alimento (MONTESQUIEU, 1973, p. 305).

Essa visão distorcida de que os africanos não tinham complexo psíquico para o desenvolvimento das técnicas, andavam sem qualquer tipo de veste, viviam unicamente nas florestas etc. resume o preconceito contra o continente e o povo africano. Interessante é perceber que bem antes da invasão ocidental, os africanos já tinham suas formas e práticas de conhecimento, as quais se aplicavam ao cultivo de arroz, à criação de gados, à arquitetura, além de uma técnica reconhecida internacionalmente no que diz respeito ao trabalho metalúrgico (História geral da África, IV, 2010 p.156).

Ao longo do século XIV, Tombuctu foi uma das cidades do antigo Império do Mali. Era centro cultural, acadêmico e comercial da costa ocidental da África, reunindo cerca de 150 escolas com muitos estudantes oriundos de outras partes da África (PAIGC, 1974, p. 35).

Segundo o geógrafo árabe Leão, os africanos anotavam tudo o que se vendia nos manuscritos através dos contatos que eles tiveram com os árabes vindos do norte da África. O comércio de livros era uma das atividades mais prósperas na região, além de estruturas escolares que abrigavam de 100 a 150 alunos em cada escola.

Esse quadro nos faz perceber que, além de possuírem uma rica cultura, os povos da região costeira também tinham um domínio da escrita da língua árabe, que os europeus sempre ignoraram durante sua ocupação da Costa Ocidental da África que hoje compreende a Guiné-Bissau e outros países que faziam parte do Império do Mali.

Guiné-Bissau é um país multirracial que compreende vários grupos étnicos como os Papéis, os Fulas, os Brames, os Mandingas e outros. Cada um desses grupos tem a sua forma de manifestação cultural, na música, na dança, assim como em outros aspectos que notadamente contribuem para fortalecer e enriquecer a cultura guineense. A esse respeito, Augel afirma o seguinte:

A diversidade linguística da Guiné-Bissau, não obstante todos os problemas que daí possa advir constitui uma grande riqueza, e sua preservação é merecedora do maior apoio e incentivo. Ao contrário das línguas étnicas, de existência milenar, a criouliização é um fenômeno recente e está ligada ao processo de expansão do colonialismo europeu no mundo, sendo o resultado da necessidade de uma comunicação em sociedade multilíngue. (AUGEL, p. 82, 2007)

É importante salientar que o crioulo guineense é uma língua de unidade nacional, visto que é a língua em que a maioria dos guineenses se comunicam independentemente de sua língua étnica. Por essa razão se caracteriza como língua da maior expressão entre os guineenses. (Augel *apud* Lopes, 1988, p. 227) salienta que durante a luta de libertação nacional as mensagens políticas dos revolucionários eram transmitidas em crioulo, tendo em vista os fatores socioculturais e políticos do país. Também o crioulo contribuía e viabilizava uma ponte de comunicação entre os falantes de origens as mais diversas, desde os tempos coloniais.

Não por acaso o fenômeno linguístico e cultural do crioulo reflete como o meio de comunicação de fundamental importância na composição da diversidade étnica existente na Guiné-Bissau, pois é o eixo fulcral da comunicação entre os mais variados grupos étnicos existentes no país, tendo em conta que cada grupo étnico guineense fala

sua língua materna. Assim, o crioulo serviu como ponte que convergência de toda essa diversidade. Como língua nacional, o crioulo é falado pela percentagem maior do que qualquer língua falada nos meios de comunicação. A maioria das estações e emissoras presentes na Guiné-Bissau veiculam as informações noticiosas em crioulo. No quotidiano das ruas, nas instituições do estado e até na assembleia nacional popular os deputados se expressam quase sempre em crioulo.

Em termos musicais, não foi diferente com o fundador da música moderna guineense: o poeta, cantor e compositor Jose Carlos Schwarz, objeto deste estudo. O crioulo foi à língua da resistência ao colonialismo durante o período colonial, de modo que o recurso a ele deve-se em parte ao fato de que os invasores portugueses não compreendiam as mensagens revolucionárias e metafóricas veiculadas em crioulo. Pela mesma razão, não era só José Carlos Schwarz quem compunha as canções em crioulo. Havia muitos artistas e conjuntos musicais da época que se expressavam em crioulo, nomeadamente Zé Lopes e Aliu Bari, além de conjuntos musicais como Nkasa Kobra, Mamba Djombo, África Livre, entre outros.

1.2 Jose Carlos Schwarz: Pai da música moderna guineense

Descendente de alemães pelo lado paterno e de guineenses e cabo-verdianos pelo lado materno, José Carlos Hans Schwarz nasceu em Bissau no dia 06 de dezembro de 1949. Filho de Carlos Hans Schwarz e Justina Ramos, Jose Carlos Schwarz cresceu e frequentou a escola primária em Bissau. Após a conclusão do ensino primário, ele foi enviado para fazer seus estudos secundários em Dakar, onde foi transferido para Cabo-Verde e mais tarde para a terra de Camões.

Depois do fracasso nos estudos, Jose Carlos Schwarz acabou regressando para Bissau sem uma formação concluída. Desde cedo, interessava-se por artes e literaturas, aprendeu rudimentos do desenho técnico e chegou a trabalhar nesse campo. Sua vocação pela música foi sempre considerada pelo pai, contudo, entre os planos e desejos do pai estava de transformá-lo em médico, advogado ou engenheiro, o que resultou em sérios conflitos familiares.

Jose Carlos Schwarz lia muito os escritores da Negritude francófona como Franz Fanon, o político revolucionário brasileiro Carlos Mariguela, e os afro-americanos caribenhos. Para além do interesse pelas questões políticas de seu país, interessou-se pelo

guitarrista mexicano Carlos Santana. Anos depois, criou um grupo de manifesto artístico intitulado “Os Apaches, Roda Livre, Perolas Negras e Sweet Fenda”, para fazer as interpretações das músicas americanas e brasileiras na promoção da cultura guineense através da musicalidade e da expressão literária.

Jose Carlos Schwarz tinha um talento de liderança que foi percebido logo na época do liceu. Por ter uma boa oratória, foi enviado para fazer propagandas do regime colonial na Guiné-Bissau e Portugal. Porém, após ter conhecido, em Lisboa, Filinto Barros, um dos dirigentes do Partido Africano para a Independência da Guiné e as Ilhas de Cabo-Verde (PAIGC), então em clandestinidade, e Mário Pinto de Andrade, angolano, co-fundador do Movimento para Libertação de Angola (MPLA), começou a ter a concepção do verdadeiro sentido da revolução para as independências dos países africanos.

As suas atividades no campo da música intensificaram-se, sobretudo a partir da época de serviço militar obrigatório, no ano de 1970, em Guiné-Bissau. Foi quando começou a se interessar mais em compor inspirando-se nos ritmos nacionais, como o gumbé, e a utilizar o crioulo guineense nas suas canções. No começo da década de 1970, juntamente com os músicos e compositores Aliu Bari, Mamadu Bá e Samaké, criou uma banda musical intitulada “Cobiana Djazz”, que teve uma imensa popularidade ao nível nacional com as canções dirigidas ao regime opressor, disfarçadas através das figuras de linguagem e dos provérbios das línguas nacional e tradicionais.

Admirador das ideias revolucionárias de Frantz Fanon, segundo Augel (1997), Jose Carlos Schwarz também tinha o escritor e crítico do regime militar brasileiro Carlos Marighela como umas das referências para o combate ao sistema colonial através das guerrilhas urbanas, o que lhe influenciou a cometer um atentado à bomba na sede da União Desportiva Internacional de Guiné-Bissau (UDIB) contra um carro de inspetor geral de Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), do regime colonial português. Dias depois, ele acabou sendo denunciado como autor do atentado e foi preso em Bissau e transferido para o complexo penitenciário da ilha das Galinhas. Jose Carlos Schwarz teve a sorte de não ser executado com os demais colegas na prisão graças ao apelo de Amílcar Cabral a instâncias da comunidade internacional em relação às barbaridades que o sistema colonial português estava cometendo na província da guiné portuguesa (Guiné-Bissau).

Depois da proclamação da Independência da Guiné-Bissau, Jose Carlos Schwarz desempenhou várias funções como responsável pelo departamento da cultura e

encarregado de negócios da Guiné-Bissau em Cuba. Ao voltar para o país com objetivo de resolver a situação dos salários atrasados nos serviços consulares da Guiné-Bissau em Havana, Jose Carlos Schwarz acabou sofrendo um acidente aéreo que culminou com a sua morte, no dia 27 de maio de 1977, aos 27 anos de idade, no aeroporto José Martí, em Havana, capital de Cuba.

A influência das canções de Jose Carlos Schwarz é significativa, onde as metáforas ocupam lugar central e causam impacto, como na canção "*lua ka ta kema*", que repercute de forma epopeica nos corações dos guineenses feridos pelo sofrimento perpetrado durante o regime colonial. Canções como "*Mindjeris de pano preto*", que, segundo Aliu Bari, quando foi transmitida pela primeira vez nos rádios em Bissau, causou um fôlego de esperança, indicando que de fato haveria luz no fundo do túnel, de modo a guiar significativamente os anseios do povo do guineense.

Ao referir à canção como meio de sociabilidade, e a sua importância na representação simbólica que nela projeta para a sociedade Guineense, Schwarz sempre manifestava, por meio de suas letras, o sentimento coletivo do povo que sofria com a invasão colonial. Como estado e nação, podemos perceber isso através das canções compostas na Guiné na época colonial por Jose Carlos Schwarz, especialmente as músicas de conjuntos como Cobiana Djazz, Super Mama, Djombó, Infamara Mané e outras artistas que entoam nas línguas nativas. Entre estas, destaca-se a Infamara Mané, que compunha as suas canções na língua Beafada.

Essas canções ainda estão presentes no cotidiano guineense, isto é, são perceptíveis em momentos da crispação política e militar, quando essas canções são comumente vistas como símbolo de alerta. Guiné-Bissau vive em constantes sobressaltos desde o conflito militar que ocorreu no ano de 1998, de modo que o país não consegue superar a crise, sofrendo desde então uma série de golpes de estado. Sendo assim, essas canções, quando ouvidas no rádio, fazem com que a população fique em alerta máxima, pois são um indício que de fato alguma coisa excêntrica está ocorrendo ou em vias de ocorrer no país.

Essas canções são também símbolo da memória em caso de morte de uma grande personalidade em combate pela libertação (um combatente da liberdade da pátria), ou seja, se o país está de luto por diversos motivos, essas canções são ouvidas nos rádios, salientando-se que elas são escritas e entoadas em língua crioula e nativa.

1.3 A canção como representação simbólica da nação

As artes e a literatura e, especificamente, a canção, tiveram um papel muito importante nos processos de constituição das identidades nacionais. O ser humano, em seu processo de evolução, buscou diferentes formas de manifestar seus sentimentos, comunicar e expressar suas emoções. A canção foi uma dessas expressões de representações simbólicas que permeiam uma nação. De acordo com Fonseca e Calado:

A literatura de um país é o seu mais rico documento para a reflexão em torno de sua história, de sua política, de sua memória e de sua identidade, pois é capaz de revelar o que a história oficial silenciou questionar as verdades esse silenciamento passa significativamente das histórias construídas, no modo deturpado para o fim e redefinir o discurso histórico. (FONSECA e CALADO, 2013, p. 03)

A exaltação da nação guineense passaria a ser demonstrada através de muitos poemas não musicados de escritores guineenses. Esse afeto para com o solo pátrio percebe-se no poema do Jose Carlos Schwarz, “*Antes de partir*”, de 1977, em que ele exalta a memória do verde do país e a esperança de um regresso breve para revê-lo. Esse poema representa uma melancolia semelhante à canção do exílio do poeta romântico e nacionalista brasileiro Antônio Gonçalves Dias.

O discurso literário, assim como político, assume a força da persuasão pela capacidade de levar o leitor e a leitora a identificarem-se com o texto, com personagens a emoção experimentada na leitura. O caráter insurgente, protestatário e transgressor de muitos dos textos aqui analisados corrobora a importância que tem a literatura como contribuição para o aprofundamento do autoconhecimento e da autoanálise dos receptores. (AUGEL, 2007, p.263)

É importante considerarmos a identidade cultural e literária exaltadas nas manifestações da canção de cunho revolucionário e político expressadas nas canções de Jose Carlos Schwarz. Essa visão crítica ao regime colonial é representada na procura de erguer os símbolos da nação através das suas canções compostas no período colonial e pós-colonial, como, por exemplo, as denúncias da canção “*Mindjeris de pano preto*” (mulheres de pano preto). Essa canção, cuja letra é de autoria de Armando Salvaterra e a melodia de JC, quando foi posta pela primeira vez no rádio alcançou grande repercussão em Bissau. Segundo Oscar Barbosa, o radialista que teve coragem de passar a primeira canção em crioulo de viés revolucionário na rádio nacional portuguesa, não se ouvia

pessoas falando em outra coisa que não essa canção no dia em que foi conhecida no rádio.

A não compreensão do sentido metafórico por parte dos portugueses dessas canções em língua crioula dificultava, às esferas do colón, a sua compreensão das mensagens cifradas presentes nas canções que carregam de fato um espírito idenitário de exacerbado nacionalismo.

A partir desse pertencimento à nação, José Carlos Schwarz passa necessariamente à afirmação de valores da nação guineense espelhando a sua grandeza no sentido político, literário e cultural, assim como desperta a tomada de consciência por parte da juventude guineense, como afirma Augel (2007).

O discurso literário abre oportunidades de uma reterritorialização quando elementos socioespecias da identidade cultural guineense são ressignificados, recontextualizados, contribuindo não só para definir, como até mesmo para construir uma identidade inter-étnica. Representa, sob esse aspecto, um elemento tanto revelador quanto construtor de identidade intergrupala, desenvolvida para além das particularidades sociais, culturais, locais ou regionais. (AUGEL, 2007, p.183)

O discurso literário de José Carlos Schwarz estaria intrinsecamente relacionado aos aspectos da resistência e da denúncia da não aculturação, ou seja, à identificação aos costumes coloniais, mas, sim juntar as sinergias para o combate, sendo algo necessário na altura e também à união do povo da Guiné e Cabo verde, a fim de desencadear o combate à resistência do regime colonial na época. De acordo com Augel (1997),

Jose Carlos Schwarz atuou e representou um papel muito importante na fase das lutas da independência: a canção revolucionária que, com suas letras transbordantes de calor patriótico, inflamava coragem e entusiasmo aos combatentes em plena luta dando-lhe animo para continuarem a abrir o caminho para a liberdade. (AUGEL, 1997 p.26)

A denúncia poética vai caracterizar as canções de Schwarz e de muitos artistas e conjuntos musicais da época na demonstração de uma postura da resistência contra o sistema colonial, o que vai contra a o currículo escolar e literatura estudada durante o regime colonial na Guiné. A partir dessa perspectiva é que Schwarz começou a escrever e difundir suas canções em detrimento das atrocidades que o sistema colonial impunha na época.

O poeta não só acusa a opressão do colonizador e faz sobressair os horrores da luta armada embora dela não tenha participado ativamente, como anima a sua gente a não perder a esperança de um dia conquistar a sua liberdade (AUGEL, 1997, p. 18)

De acordo com a autora, com o desenrolar do problema provocado e perpetrado pelo sistema colonial em obrigar o trabalho de mão de obra escrava, o poeta Schwarz não se descuidou em relação ao fato ocorrido, por conseguinte. Escreveu uma das suas primeiras canções, intitulada “*Ntchanga*”, para poder expressar a dor das barbaridades do regime colonial na Guiné:

Ao que parece, o episódio é verdadeiro. Sua história não é a única no gênero. O bairro de Cobornel, antigo bairro de ajuda, foi construído em 1965, em direção do aeroporto de Bissau. Por ordem do administrador colonial Guerra Ribeiro, guineenses foram obrigados a abrir a estrada e a levantar casa por casa, em regime de trabalho forçado (AUGEL, 1997, p. 209).

Certamente, a consciência e a influência exercida pelas canções de Schwarz chama a atenção para os momentos decisivos, em que o povo irá se levantar para exigir a independência que culminaria com a criação, em 1958, da União Nacional dos Trabalhadores da Guiné (UNTG). Esse movimento sindical clandestino provocou uma greve geral de estivadores, marinheiros e trabalhadores de porto de Pindjiquite, os quais protestavam contra os baixos salários, sendo brutalmente massacrados no dia três de agosto de 1959. Esse episódio, que culminou com a morte dos marinheiros guineenses no cais de Pindjiquite, incitou o início da luta armada em 1963, desencadeado pelo PAIGC, sob comando do chefe da revolução da guerrilha na pessoa do Abel Djassi.

A partir de agosto de 1961, deu-se início à acção direta, com sabotagens, cortes de vias de comunicação, distribuição de instalações; em 1962, deu-se um assalto pela PIDE a um centro clandestino do PAIGC em Bissau, seguindo de muitas prisões. A 3 de janeiro de 1963, depois de alguns anos de penetração, foi desencadeada a luta armada para a libertação do país, na frente do sul e do leste a partir de bases militares de guerrilha na vizinha República de Guiné-Conakry. (AUGEL, 2007, P.61)

Em síntese, para os guineenses o passado da luta de libertação nacional, é o símbolo que passa necessariamente na identificação da causa nacional para unificação de dois povos em uma única luta contra o jugo colonial, e que resultou nas independências

da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Importa salientar que Amílcar Cabral dizia que a tarefa mínima que se devia cumprir era expulsar os colonizadores e promover a independências. As canções de José Carlos Schwarz reforçavam esse pertencimento à identidade viva pelo que os antigos combatentes se sacrificaram, dando suas vidas para que hoje sejamos livres. É justamente esse o propósito nos capítulos posteriores, em que me debruçarei sobre a representação da situação social e política de Guiné-Bissau nas canções de José Carlos Schwarz às vésperas da revolução e logo após.

II. ANÁLISE LITERÁRIA DAS CANÇÕES NO PERÍODO COLONIAL

2.1 Canção como gênero literário

Para Ferreira e Dias (2006), a canção é uma peça pequena, que tem como principal meio de execução o canto (voz), com ou sem acompanhamento (instrumento). Para que ela seja executada, é necessária a composição de uma melodia, ainda que no momento da reprodução vocal não haja instrumento musical para o acompanhamento. Quanto à composição da letra, seja ela pode advir tanto de um texto poético já existente quanto de um texto criado juntamente com a melodia pelo compositor musical. Todo texto possui uma organização ou estruturação (superestrutura) mais ou menos estável, que constitui o gênero textual. A denominação dos gêneros é estabelecida em critérios heterogêneos, havendo variação das categorias em função do uso que se faz delas. (FERREIRA & DIAS, 2006, p. 326).

Antes de começar as análises das canções, é importante tematizar e trazer luz à discussão sobre canção como gênero literário. A canção está presente no cotidiano de maioria das pessoas, nos momentos comemorativos e em diversos lugares, espaços, períodos conflitantes da vida e períodos amenos. Mas certamente o propósito aqui de análise de canção cinge, sobretudo na perspectiva de interpretar a letra, não de analisar aspectos específicos da composição sonora, melódica, rítmica, as quais, obviamente, são componentes essenciais, porém que não serão objeto prioritário deste estudo. Ao conceitualizar o gênero canção, MANZONI e ROSA afirma o seguinte:

Para falar aqui do gênero textual canção, seu uso e a possibilidades de análise, partimos da ideia das múltiplas abordagens do texto, ou seja, de que o conceito de texto depende das diferentes concepções que se pode

ter em Lingüística de língua, linguagem e sujeito (Koch, 2002). Linguagem e língua podem ser compreendidas como representação, como estrutura, código, como forma de ação e interação (Ferreira & Dias, 2005), ou ainda como opacidade, fruto do trabalho histórico-social. Partindo para o nosso objeto, defendemos que para compreendermos então esta vasta área de estudo (canção) precisamos definir inicialmente o gênero. (MANZONI e ROSA 2010. P-1).

Sendo a canção a prática discursiva majoritária do período colonial (e talvez ainda hoje), dada a inexistência de uma indústria editorial, assim como de um campo literário ativo e influente no debate público, a canção constituía-se comumente como poemas que vieram a ser musicados, de maneira a dar vazão à revolta então compreendida como lugar de fala de José Carlos Schwarz. O propósito da revolução era entendido como fator-chave para as necessidades da conquista de algo precioso aos guineenses, uma vez que a independência na altura era algo importante para a afirmação, enquanto povo e nação, da identidade dos indivíduos dos países colonizados. Assim, a necessidade da ação política se unia à necessidade expressiva e popular da canção. Por intermédio da canção, era possível popularizar mais amplamente, nas estações de rádio, a mensagem revolucionária. A possibilidade de a canção ser entoada por um, ou por vários, garantia ainda mais a eficácia poética e de conteúdo das composições. A respeito da potência expressiva da canção, MANZONI e ROSA afirmam o seguinte:

A partir da incidência primeira começava um trabalho de um sobre o outro: a música elaborava o poema que elaborava a música (Foucault, 2006, p.389). Como nos mostra essa afirmação de Foucault, não é possível separar o poema da música, no caso do gênero canção, o trabalho de um sobre o outro é constante e bilateral, construindo os sentidos conjuntamente. (MANZONI e ROSA, 2010 p-3).

Portanto, a análise discursiva deste trabalho passa necessariamente para o assentamento do gênero textual canção. Compreendemos assim que as canções de Jose Carlos Schwarz, mesmo que advindas de um poema preexistente que no decurso será objeto duma reprodução vocal e melódica, não devem ser lidas separando-se absolutamente seus componentes musicais da mensagem poética das letras, mesmo que o foco da análise sejam estas últimas.

2.2 Contribuição musical de Cobiaza Djazz e legitimação do José Carlos Schwarz como compositor

No quadro da resistência geral do povo guineense à ocupação colonial, a música (canção) assumiu papel de relevo e que pode ser hoje melhor avaliado. Já não falamos da música do campo que se manteve imune às tentativas de aculturação, pois cada etnia tinha como base a língua e os costumes nativos e o colonizador dificilmente as puderam anular. Tratamos aqui, sobretudo, da música da guerrilha, “essa com a raiz na luta diária de sangue e de fogo, que servia para encorajar os combatentes e desmoralizar o ocupante”, conforme as palavras de José Carlos Schwarz, fundador da Cobiaza Djazz, em entrevista concedida ao Diário de Lisboa, no dia 21 de Julho de 1976.

A fundação da Cobiaza Djazz deu-se nos anos 1971, por Schwarz, Aliu Bari e Mamadu Bá. O nome atribuído ao conjunto musical refere-se a uma localidade no norte da Guiné-Bissau, entre Canchungo e Cacheu. Segundo a tradição e a crença dos guineenses, as pessoas que habitam nessa localidade acreditam que o chão de Cobiaza é sagrado, e por esse motivo o nome do conjunto foi posto pelos integrantes, ou seja, os fundadores do referido agrupamento musical que veio depois a ser transformado em uma Orquestra Nacional pelo Presidente Luís Cabral. Diante disso, ressaltamos que

Cobiaza e Mama Djombo são duas palavras históricas. Cobiaza é uma aldeia sagrada à região de Cacheu, e os combatentes iam lá para se refugiarem-se o Colonizador não ousava persegui-lo, chegar até lá. Em Cobiaza existe um Irã¹ muito poderoso que se chama Mama Djombo. Como se vê, os dois estão estreitamente ligados, mas Cobiaza é aldeia sagrada e Mama Djombo o seu Irã. (AUGEL1997, P- 371)

Em seu apogeu, o agrupamento fazia furor com as suas canções entre os guineenses, certamente sem esquecer-se da competição com o seu congênere da vizinha República de Guiné Conakry, também transformada em Orquestra Nacional naquele país pelo presidente Ahmed Sékou Turé, e que se chamava Bembeya Djazz. A Cobiaza Djazz não só se limitava à Guiné, pois fazia turnê nacional e internacional, como quando foram a Cuba em 1977, conforme pode-se constatar neste recorte de um artigo jornalístico de *Jornal Nô Pintcha* datado de 05/10/1976:

¹ Iran: É uma divindade sagrada cultuada pela algumas das etnias guineense que serve como protetor da família ou da linhagem dum determinado clã.

O conjunto Musical Cobiana Djazz segue hoje para Cuba via Lisboa Portugal no avião da Tap. (Transportadora aérea Portuguesa) O grupo, composto por 10 rapazes, irá frequentar um estágio de aperfeiçoamento técnico e cultural de três anos, a convite do Conselho Nacional de Cultura de Cuba, que irá assumir todos os encargos do curso. Paralelamente a sua formação técnica e cultural, o grupo irá participar de estudos políticos e ideológicos e adquirir uma formação que lhes permita proceder à análise musical e estudar a estrutura do som. (AUGEL, 1997, p. 407)

Passando esse período glorioso da Cobiana, que teve ainda a entrada de novos integrantes como Samakê, Ernesto Dabó, Rui Devyes, o conjunto ainda ensaiava, mas de forma dispersa e disfarçada para não chamar a atenção da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), pois o grupo exercia grande influência até quando Aliu Bari e José Carlos Schwarz foram aprisionados nas instalações da segunda esquadra em Bissau, sendo em seguida transferidos para as Ilhas das Galinhas. Mesmo presos, os dois continuam a cantar. As canções eram transportadas pela esposa do Jose Carlos de dentro do presídio para fora, de maneira que essas canções expressavam de fato os sofrimentos das torturas recebidas na prisão. São canções desse período, de JC, “Djiu di Galinhas”, “I son Saudadi, Bu Djubim”, “Ora ke Abri Porta Djon Farim”, ao passo que de Aliu Bari temos “No Sinta Na Sukuru”, “Na Kolonia, Sol, Amigus ka Bali”. A partir de 25 de abril, com a proclamação da Independência da Guiné-Bissau, eles foram finalmente soltos. No primeiro aniversário da Independência, em Boé, estiveram presentes e lá cantaram. O fim do grupo deu-se em 1975, quando se separaram e cada um partiu em busca de melhor condição de vida.

2.3 A luta pela libertação nas canções de Jose Carlos Schwarz

Com o fulgor dos meados dos anos 1963, desencadeou-se a luta armada que viria a se consumar quando Arafam N'djamba Mané deu o primeiro tiro na localidade de sector de Tite no extremo sul da Guiné. Esse fato aconteceu quando o então general da colônia portuguesa, Antônio Spínola, recusou negociar para uma transição pacífica da independência com alguns movimentos pro-independentistas da época. Durante essa fase, a canção também se fez presente e retratava a união dos nativos da Guiné e Cabo Verde no processo de resistência contra a presença colonial portuguesa.

Na altura já havia grupos de Tina que depois foi censurada pela PIDE e salão de danças, denominado, de Zé Maria, e salão de Luxo. Aliás, primeiramente, havia grupos

de funcionários da Administração Colonial que após o trabalho sempre se reuniam nas tabernas para diversão. Nessas ocasiões, bebiam e tocavam latas vazias, e Sikôs² eram usados como instrumento de percussão. Essas tabernas eram usadas como lugar clandestino por onde não só acontecia a diversão, mas as reuniões políticas do partido. A dança de Tina também era um meio de disfarce para que a PIDE não desconfiasse que houvesse reuniões. Nesses espaços havia intenso debate político e revolucionário, além do que as canções eram tematizadas e musicadas em crioulo, como “Tchon de Guiledjé”, “*Badjuda Bunito*”, protagonizado por Domingos Marcos Vieira (Domnik), Zé Lopes e Duarte, kamba lalá e muitos outros. A partir de então os movimentos e eventos musicais na época foram idealizados e percebidos num ciclo de canções como viria a ser as canções de José Carlos Schwarz e de conjuntos musicais como Cobiana Djazz, Super Mama Djombo, N’kassa Cobra, Cabuyara, Capa Negra, Chifre preto, África Livre entre tantos outros. Para Augel,

As canções de José Carlos Schwarz tiveram um papel importantíssimo no processo da emancipação da luta armada na Guiné-Bissau. As canções revolucionárias que, com suas letras transbordantes de calor patriótico, inflamava coragem e entusiasmo aos combatentes em plena luta, dando-lhes animo para continuarem a abrir o caminho para a liberdade. (AUGEL, p.26, 1997).

Todos esses conjuntos e mecanismos de denúncia e de divulgação da causa da luta pela libertação, através das canções compostas pelos conjuntos musicais na época da dominação colonial, desempenharam papel crucial para que a luta armada tivesse êxito:

Mininu na kosta na tchora fomi³

Tempu di dal mama ka tem

Ba ya tchak, tchak

Guerra Ribeiro ka bina

(AUGEL, 1997, p.65)

Percebe-se nesta estrofe que a canção “*Ntchanga*” expressa a melancolia e a dor incondicional do artista em assistir aos atos desumanos desencadeados pelo sistema colonial na época, que obrigava os guineenses a trabalhar forçosamente sem nenhum tipo de remuneração que garantisse os direitos básicos dos trabalhadores.

² Sikô: Instrumento musical guineense construída a partir de couro de cabra e de madeira de forma quadrada.

³ O menino às costas a chorar de fome Tempo para dar-lhe a mama não tem Andem depressa trabalhem depressa Guerra Ribeiro vem aí

A colonização tinha como principal objetivo a desafricanização dos autóctones, ou seja, a negação de tudo que pertencesse à identidade dos povos de Guiné-Bissau, para ficarmos no caso aqui em estudo. A história dos colonizados começa apenas com a descoberta do território em questão, eliminando a história e a memória do povo (AUGEL, *apud* FREIRE, 1978). Por esse motivo, a criação literária representava os acontecimentos que o país tinha passado durante a ocupação colonial portuguesa. Essas canções colocam-se como meio de combate à imposição do regime implantado à época. Nesse sentido, Augel (2007) afirma que.

O tratamento dado aos africanos foi o mesmo em todos os regimes coloniais, norteados pela falta de respeito, brutalidade e a completa desatenção aos direitos humanos básicos. Regulamento de trabalhos dos indígenas era severo e cruel, estando-se disposto a todo custo a castigar o gentio rebelde também à cobrança de tributos e impostos era exorbitante e arbitrária os africanos sendo sistematicamente, cada vez mais excluídos de suas prerrogativas políticas, sócias e econômicas, e tudo isso em nome da missão civilizadora. (AUGEL, p.57 *apud* Lopes, 1987, p.35).

Perante a desumanização perpetrada pelo regime colonial, suscitou-se mais tarde uma revolta dos trabalhadores do cais de pindjiquite, em 3 de agosto de 1959, que culminou com a morte de dezenas de trabalhadores que protestavam contra as más condições de trabalho e os baixos salários que recebiam da administração colonial. Certamente esse acontecimento influenciou a revolta, acabando por criar o incentivo para a abertura da luta armada conduzida e desencadeada pelos combatentes do PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde). Evidentemente, esse acontecimento não passou despercebido no mundo literário guineense. Nota-se nas narrativas literárias, nas canções, poesias, provérbios e adivinhas dos artistas e escritores que se referiam a esse momento de afirmação da identidade guineense.

A deflagração da nova fase da luta armada pela Libertação Nacional na Guiné, que tinha Amílcar Cabral como comandante em chefe da revolução do PAIGC, desencadeou contatos diplomáticos junto a alguns países do bloco socialista, nomeadamente a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os demais países que serão citados mais abaixo que na época conseguiram mobilizar armamentos bélicos que vieram a colaborar para o êxito da luta, como se pode ver na jubilosa canção de Jose Carlos Schwarz. A canção “*Tio Bernal*” referia-se ao êxito e ao progresso da luta

com as matérias de guerra alcançadas com ajuda da cooperação com os parceiros dos países socialistas:

Parmaña sedu⁴

Serenu na udju

Tio Bernal kana na djudjdu

Tiu Bernal

Tiu Bernal bati jatu

Asa bua i kema matu

Tiu Bernal.

A canção “*Tio Bernal*” referia-se à coragem dos combatentes que na altura, quando ainda o partido não tinha muitos recursos, ou seja, não dispunha de matérias e equipamentos bélicos para o desencadeamento da Luta Armada de Libertação Nacional, que usavam outros recursos para os encontros, os quais passavam necessariamente pelas emboscadas e sabotagens, a exemplo da interrupção dos meios de comunicação, assim como do bloqueio das vias de acesso por intermédio de barricadas nas estradas etc.

Essas estratégias, montadas por antigos combatentes, que tinham apoio das populações locais, auxiliaram de forma significativa o sucesso e o progresso da luta liderado pelo PAIGC nessa primeira fase, todavia também sempre havia os inquietos, ou seja, os indecisos que não acreditavam no sucesso da luta, como se pode constatar na fala deste combatente citado em *A arma da Teoria*:

Mas como é que vamos lutar contra o *tuga*, se nós nem roupa temos, se nós não sabemos ler nem escrever? A guerra do tuga é de Comandantes, Majores etc., formados na Universidade, em altas Academias, como é que vamos lutar contra ele? Nós não temos nada, onde é que vamos arranjar meios para lutar, como é que isso pode ser? (CABRAL, 1972, p. 40)

Na segunda fase da luta, compreendida pelo viés da diplomacia desencadeada por Amílcar e o então comissário de relações exteriores do Partido na época, na pessoa de

⁴ De manhã cedinho Com sereno nos olhos

Tiu Bernal derrubou um jacto ah, tio Bernal.

Tio Bernal derrubou um jacto A asa voou e incendiou o mato Tio Bernal

Victor Saúde Maria, traçaram contatos com países de blocos socialistas nomeadamente URSS, Alemanha do Leste, China, Cuba, além da Suécia e outros que, através destes contatos, se comprometeram ajudar com armamentos bélicos, como ilustra a foto abaixo.



Fig. 1- Amílcar Cabral e os mísseis terra-ar.
Fotografia do espólio pessoal de Manecas dos Santos
Fonte: LARANJEIRA, 2014, P-1

Com o progresso da luta armada e o PAIGC cada vez mais ganhando terreno, o regime fascista português fracassava, dando espaço para que o PAIGC começasse a organização nas então zonas libertadas, momento em que começam a se organizar os primeiros passos para uma organização estatal pós-colonial, construindo-se escolas, posto de saúde, campos de plantios de arroz, um pequeno bureau assistencialista e comitês locais. Toda essa ação contou com ajuda internacional, sobretudo a força com que o partido se projetava, fazendo Amílcar Cabral viajar para a divulgação em conferências pelo mundo inteiro sobre a causa da luta.

Tudo isso ajudou a dar um gigantesco impulso para que se angariassem, com os blocos aliados, ajudas necessárias tais como: materiais de guerra, alimentação e bolsas de estudos para formação do pessoal, além de internatos para filhos dos combatentes e crianças de escolas piloto. As universidades desses países apoiadores formaram grandes números de quadros do partido. Como afirma Amílcar Cabral em citação de Mendes Pereira,

A dinâmica da luta exige a prática da democracia, da crítica e da autocrítica, a crescente participação das populações na gestão de sua própria vida, a alfabetização, a criação de escolas e de serviços sanitários, a formação de quadros extraídos dos meios camponeses e operários, e outras tantas realizações, que implicam em grande aceleração do processo cultural da sociedade. Tudo isso deixa claro que a luta de libertação não é apenas um facto cultural, mas também um fator de cultura. (MENDES PEREIRA, 2012, p. 6)

Sendo assim, o regime fascista colonial, sentindo o fardo de cansaço e perda do terreno subsequentes dos homens a favor das guerrilhas do PAIGC, resolveram usar armas e aviões que bombardeavam campos de plantios das populações, bases do PAIGC, aldeias e as zonas libertadas. A esse respeito, Antônio Rodrigues afirma o seguinte:

Mandávamos os jactos à frente para bombardearem a aldeia, depois dos jactos passarem uma ou duas vezes e bombardearem aquilo tudo com napalm, caíam os helicópteros sobre a aldeia, com as companhias. Começámos a fazer isto em toda a Guiné com um grande sucesso outra vez. Os homens do PAIGC estavam na República da Guiné, tinham uma base encostada à fronteira e eu, quando fui de avião, vi a base e pedi ao oficial de Artilharia que ia comigo para fazer um plano de fogo. O oficial de Artilharia fez um interessante planeamento de fogo. À tarde, quando estávamos na reunião, eu disse a Spínola que tinha visto a base do lado de lá e ele ordenou-me que bombardeasse. Fiquei indeciso e Spínola perguntou-me se eu estava com medo. Depois me deu a ordem por escrito. (Batalhão dos caçadores Guiné, acessado, 19/04/2018).

Inspirado por esse fato, Jose Carlos Schwarz compôs uma de suas canções mais famosas e emblemáticas, “*ke ki mininu na tchora*”:

Ke ki mininu na tchora⁵

Pastu garandi Bin

Montiaduris ki ka kunsidu

I dur na si Kurpu

Ku si obus di fugu

Montiaduris ki ka kunsidu

⁵ Por que é que o menino está a chorar?

É dor que está a sentir

Por que é que o menino está a chorar?

Esta farto de ver o sangue

O Pássaro grande veio Com

os seus ovos de fogo O

Pássaro grande veio Com os

seus ovos de morte

Caçadores desconhecidos

Erraram e atiraram nas tabancas

Caçadores pretos como nós

Erraram e atiraram nas bolanhas

Ke ki mininu na tchora	Pastu garandi Bin	E iara e fugia na tabanka
I sangi ki kansa odja	Ku si obus di matança.	E iara e fugia na bulaña

(AUGEL, 1997, p. 49)

Essa canção refere-se aos sucessivos bombardeamentos que o regime colonial fascista português desencadeava. Jose Carlos Schwarz transformou em canção esse momento triste da luta anticolonial narrando os fatos ocorridos, assim como a canção cuja letra é de autoria de Armando Salvaterra musicada por JC Schwarz denominada "*Mindjeris di Pano Preto*" (Mulheres de pano preto). Essa canção simboliza o luto carregado pelas mulheres devido às mortes dos seus filhos na referida luta em que os bombardeios portugueses são representados metaforicamente como pássaros grandes que lançam ovos de fogo. Outra canção, "*Montiaduris ki ka kunsidu*" (caçadores desconhecidos), referia-se aos soldados nativos da Guiné que foram incorporados na estrutura colonial portuguesa pelos Comandos Africanos, agrupamento liderado pelo então Tenente-Coronel Marcelino da Mata, vinculado ao regime colonial português. A canção se referia a esses guineenses que decidiram lutar a favor do regime colonial, os quais atiraram nas aldeias e nas bolanhas.

A partir daí criou-se o gosto de atacar bases às vezes a Força aérea bombardeava e o Marcelino da Mata ia lá com o seu grupo. Armadilhavam com minas um corredor, destruíam uma ponte ou faziam outra acção e depois eram recolhidos ou vinham pelo seu próprio pé. As operações eram estudadas e levava-se o armamento necessário para a acção: RPG, Kalashnikov. O Marcelino tinha um grupo de indivíduos e fazia também a sua guerra pessoal com o PAIGC. (Batalhão dos caçadores Guiné, acessado, 19/04/2018).

Esses fatos narrados nesta canção demonstravam na verdade o fracasso do regime colonial na época, que não conseguia mais controlar a situação da guerra e recorreu ao uso das bombas porque as perdas dos soldados pelas Guerrilhas do PAIGC eram muito frequentes. Enfraquecidos, optaram pelo uso de aviões com bombas de Napalm lançadas nos plantios de arroz e nas zonas libertadas. Por isso Amílcar Cabral, na sua intervenção na plenária das Nações Unidas, denuncia este fato pedindo que a ONU fizesse uma diligência, levando um grupo de diplomatas do Comitê de Descolonização da ONU para visitar as zonas libertadas, entre os dias 02 e 08 de abril de 1971, como ilustra a foto abaixo:



Fig. 2- Comitê de Descolonização da ONU. Fotografia.
Exposição Assembleia Nacional Popular Guiné-Bissau.
Fonte: DARAME, 2018, p. 2

O PAIGC, portanto, sempre buscava soluções nas negociações diplomáticas, o que resultaria como ato concreto, credível e legitimador capaz de ser reconhecido como o único movimento da libertação de Guiné e Cabo Verde. Essa visão estratégica deu na verdade frutos almejados, com a vinda da missão da ONU, que reconheceu as zonas libertadas, fato de grande êxito, o que efetivamente irá de fato ajudar na legitimação do direito de decidir livremente qual o seu estatuto político e o seu modelo de desenvolvimento econômico, social e cultural. Por meio da Resolução 1654 (XVI), de 27 de novembro de 1961, a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada para essa finalidade.

De acordo com Almada e Santos, após a visita da ONU, foi adotada a Resolução de 13 de abril, através da qual o PAIGC foi reconhecido como o único e legítimo representante das populações da Guiné e de Cabo Verde. Esse reconhecimento decorreu pelo facto de o Comité ter considerado que a missão de visita tinha cumprido com êxito os seus objetivos, comprovando que o movimento controlava efetivamente as chamadas “áreas libertadas”. Por isso, indicou que era necessário dar o apoio moral e material necessário aos povos da Guiné e de Cabo Verde, por intermédio do PAIGC, que era o seu movimento de libertação nacional (ALMADA e SANTOS 2009, p. 6).

Desse modo, com o reconhecimento político do PAIGC pelas instâncias internacionais, nomeadamente ONU, Organização da Unidade Africana (OUA), Bloco Socialista e países aliados, desenfreado-se o processo de desenvolvimento com vistas à

proclamação da independência. Provavelmente tocado por esse cenário de otimismo, Jose Carlos Schwarz compôs a canção "*No Isa no bandera*" (Vamos içar a nossa bandeira):

Alguns dos movimentos que tinham utilizado a via armada para defender as suas aspirações receberam o estatuto de observador e foram reconhecidos como legítimos representantes das populações. Esta situação acabaria por condicionar o processo de descolonização, pois somente os movimentos que recorreram à luta armada estiveram presentes nas negociações. A ideia segundo a qual as negociações deveriam ser realizadas entre as partes envolvidas no conflito armado, ou seja, entre Portugal e os movimentos de libertação que participaram na guerra, foi aceite tanto pelo CD como pelos responsáveis portugueses. (ALMADA e SANTOS 2009, P-7).

A canção "*No Isa no Bandera*" vai coincidir com o advento da independência e a entrada triunfal do Partido. A tomada do poder, o hasteamento da Bandeira do PAIGC nas instalações do Palácio da República e Regionais das repartições administrativas foram momentos de glória e de grande exaltação dos combatentes guineenses:

No Isa no bandera⁶

Bandera de povo No

Isa no bandera

Bandera de povo

PAIGC i forsa di povo

PAIGC i forsa di povo

No Isa no bandera

Bandera de povo

PAIGC i forsa di povo (AUGEL, 1997, p. 87)

⁶ Vamos içar a nossa bandeira

Bandeira do povo

Vamos içar a nossa bandeira

Bandeira do povo

PAIGC é a força do povo

PAIGC é a força do povo

Vamos içar a nossa bandeira

Bandeira do povo

PAIGC é a força do povo

A jubilosa canção "*No Isa no bandera*" indicava que a independência estava prestes a acontecer, ou seja, a independência já tinha sido proclamada e a euforia da tomada da pátria pela guerrilha do partido era um fato glorioso demonstrado com a queda no dia 25 de abril de 1974 do regime fascista Salazarista em Portugal, que historiadores chamam de Estado Novo, Segunda República ou Revolta dos Cravos. Esse acontecimento condicionou de imediato a aceitação das negociações para a proclamação da independência da Guiné e Cabo Verde, porém Portugal não aceitou que Cabo Verde fosse contemplado nessa mesma data, de forma que sua independência viria ser reconhecida somente em 05 de julho de 1975. Nesse processo de transição e triunfo da libertação, Augel salienta o papel proativo da arte de JC:

A futura nação está sempre presente na obra de Jose Carlos Schwarz um poema seu pouco conhecido, de 1974, "Fidjus de Guiné", mais uma vez, atesta a clarividência do compositor-poeta e seu empenho em contribuir com a sua voz para a concretização do ideal de unidade nacional (AUGEL, 2007, p-288).

Deve-se salientar que o PAIGC, na sua luta de libertação nacional na Guiné, nunca distinguiu os territórios de Guiné e Cabo Verde, uma vez que sempre considerou a ideologia do binacionalíssimo entre esses dois territórios. Considerando-se a história da ocupação do arquipélago de Cabo Verde, percebe-se que este sempre foi administrado conjuntamente com a província de Guiné Portuguesa. O projeto de luta desencadeada pelo PAIGC era de libertação das duas colônias conjuntamente, sem esquecer-se que no passado a província da Guiné tinha como capital administrativa Cabo Verde, de maneira que a ideia da unidade envolvendo Guiné e Cabo Verde até a luta de libertação era um dado concreto para a ideia de nação presente no imaginário poético compartilhado por Jose Carlos Schwarz:

O passado comum para os guineenses é o passado das lutas de libertação nacional, o símbolo mais glorioso e eloquente da nacionalidade. É mesmo o momento fundador da nacionalidade, do espaço vital "Guiné-Bissau". A "luta" é a referência onipresente em todos os escalões da sociedade guineense, justificava e argumentos, apelo e qualificação. Na memória do povo, ela continua sendo símbolo sacralizado de orgulho e de consagração. (AUGEL, 2007, p. 290).

Todavia, com a estratégia de sempre, os portugueses buscaram incutir na mente das pessoas a ideia de distinção, resultando na separação e na segregação entre nativos da

Guiné e de Cabo Verde, de maneira que isto veio de fato a se consumir em meados dos anos 1980, com o golpe de estado que derrubou Luís Cabral e levou João Bernardo Vieira ao poder, no dia 14 de novembro de 1980. Essa subsunção levou à separação definitiva dos laços históricos de irmandade entre Guiné e Cabo Verde.

No próximo capítulo, abordarei esse fato nas análises das canções do período posterior à independência, assim como suas contradições, contornos e vicissitudes.

III. CANÇÃO COMO CRÍTICA AO MODELO DE GESTÃO NO PÓS- INDEPENDÊNCIA DE GUINÉ-BISSAU

3.1 O desvirtuamento dos ideais do PAIGC

Depois de proclamação solene da Independência, no dia 24 de setembro de 1973, pelas guerrilhas do PAIGC nas matas de Madina de boe, mais precisamente na localidade de Lugadjole, o novo regime português somente veio a reconhecer a independência em 1974, contudo o PAIGC mantém a data de proclamação como 1973, a despeito da data reconhecida pelo novo regime português. A entrada triunfante PAIGC em Bissau teve grande repercussão na população da capital e de todo o território novo compreendido como estado soberano da Guiné-Bissau. Terminado esse período de júbilo, logo teve início o período de caça às bruxas com a repressão dos guineenses que participaram do exército Colonial Português e seus informantes. Essas pessoas eram levadas para as matas sendo lá fuziladas. Um dos primeiros atos de fuzilamento de colaboradores dos portugueses “ditos traidores da pátria” pelo Partido aconteceu no dia

10 de março de 1976 no norte do país, certamente na localidade de cidade de Canchungo, onde foram fuzilados o régulo da cidade, Joaquim Baticã Ferreira, seu irmão, Cristiano Baticã Ferreira, além de Didi Ferreira e outros condenados à morte. Essa prática veio a ser um vicioso ciclo criado pelos dirigentes do partido e funcionou como a guilhotina na Revolução Francesa. Porque afirmo como Guilhotina? Porque essa prática não só se restringiu aos aliados dos portugueses, mas se proliferou no seio do Partido, sendo também usado para fuzilar indivíduos que outrora foram parceiros de trincheira, mas que acabaram sendo assassinados como aconteceu com Francisco Mendes (vulgo Tchico Té).

Há vários casos de alegações de que haveria uma preparação de golpe de estado

pela parte de alguns dirigentes do partido que por isso acabaram sendo fuzilados. Fatos assim tornaram-se recorrentes como no célebre 17 de outubro de 1985. A luta para ascensão ao poder levou o país a entrar em períodos cíclicos de golpes de estado e intenções de golpes que por fim culminaram numa guerra civil que durou 11 meses. Jose Carlos Schwarz já presumia e tinha esse pressentimento, assim como Justino Delgado, que musicou esses fatos na sua canção “*Pubis Diskunfia*” (Povo desconfia), na qual relata a deslealdade das ideias, assim como os desvios de normas da luta que logo no início da independência começaram a ser postas de lado adotando-se os costumes dos assimilados do antigo regime colonial. Na verdade, esses hábitos adotados pelos dirigentes iam contra os princípios do PAIGC, que era de recusar os atos de assimilação e plantar na “pátria amada a paz e o progresso”, porém isso não correu, de modo que a assimilação foi mais forte do que os princípios que norteavam as ideias da revolução.

A partir daí podemos constatar nas canções e nos trabalhos literários dos escritores, músicos e artistas em geral a crítica social de que não houve o firmamento dos objetivos de luta que era conquistar a independência e a reconstrução nacional. Lembrando que o comandante Amílcar Cabral definiu duas linhas mestras norteadoras para a luta. A primeira linha diz respeito necessariamente à expulsão dos colonos portugueses com a Independência, denominada “programa mínimo”. Já a segunda, maior, seria a reconstrução nacional que de fato não seria trabalho fácil.

De facto, a Literatura da Guiné-Bissau centra-se nos problemas do período da independência. Por um lado, temos uma poesia guineense focada na luta contra a opressão e a tirania do colonizador, por outro lado, uma ficção guineense marcada pelo desencanto das utopias de um projeto de libertação nacional que cedeu a conflitos internos, golpes atrás de golpes, apagando os ideais da luta de libertação e os ideais de Amílcar Cabral. (LEITE, 2014, p-154)

A canção “*Apili*”, de Jose Carlos Schwarz, termo que na língua étnica papel significa mulher, é uma chamada de atenção para os erros que os antigos combatentes cometeram no início da tomada do poder. Essa canção critica o modo de vida levado pelos altos dirigentes do Partido que no começo da gestão do país abandonaram as parceiras com as quais viveram durante os 11 anos de luta armada e se uniram a novas parceiras, a maioria filhas dos assimilados, ou seja, de pequenos burgueses. Essa atitude não agradou a Jose Carlos Schwarz porque não conjugava com as ideias e princípios norteadores da Revolução.

Jose Carlos Schwarz percebe que essa nova aliança não condizia com os anseios de construção de um país melhor, uma vez que não se pautava pelo bem comum da nação, mas antes pelo individualismo e ganância em possuir bens materiais. Essa conduta gerou mal-estar, de modo que os artistas não ficaram em silêncio, quando começaram a produzir canções em que chamavam atenção para esses fatos. Por exemplo, a canção do grupo Super Mama Djombo, "*Disan na bera*", aponta para o grau de bajulação e luxo que os dirigentes dispunham, com seus carros finos que desfilavam nas estradas do país. Esses comportamentos não condiziam com as diretrizes do plano maior desenhado pelo Partido, pois os novos governantes decidiram trocar os ideais da revolução pelos valores dos assimilados, esquecendo-se do povo e das companheiras com que lutaram.

O marido de Apili integrou a leva dos combatentes que deixou a mata, onde se desenvolveu a guerrilha, e se instalou na cidade, quando os "tugas" foram expulsos. Aprendendo os modos refinados do novo ambiente, o marido de Apili, envergonhando-se da rusticidade da esposa, que não tinha a educação urbana, foi procurar na capital outra mulher que soubesse comportar-se em sociedade, "que sabe entrar, que sabe sair". Apili fica no campo sozinho com a lembrança da Kansera e da foronta, isto é, dos sofrimentos e da humilhação provocado pela guerra. (AUGEL, 2007, P-287)

Eis a canção de Schwarz que se refere a esse episódio, sintomático das transformações políticas no pós-independência:

Apili, Apili, Apili.⁷
 Son perto di si omi
 Matchu, matchu garandi.
 Kombatenti di povo

⁷ Apili, Apili, Apili.
 sempre perto do seu homem
 Homem corajoso combatente
 do povo

Mas os tugas arrumaram as malas
 para voltarem à sua terra
 Os combatentes entraram na cidade

O home de Apili também entrou.
 O homem de Apili se foi embora
 E procurou outra mulher
 Mais fina e desembaraçada

Ma tugas ruma se kargu
 Pa e riba se terra
 Kombatentis entra prasa

Omi di Apili bai
 I bai busca mindjer nobu
 Ki sibi entra ki sibi sai.

Ma Apili ka bu larga bu Kurpu
 Bardai di partidu ka ta pirdi
 Si ka na boka de mal tomadus!

(AUGEL, 1997, P-93)

Considerando a afirmação do Amílcar Cabral, que exigia o “suicídio de classe para os pequenos burgueses”, essa exigência do Amílcar se enquadra na chamada de atenção para com essa pequena burguesia de renunciar às práticas do colonialismo porque são nativos e deveriam abraçar a causa da luta. No entanto, com o passar do tempo os combatentes do PAIGC começaram a assimilar esses mesmos comportamentos da pequena burguesia, diante do que concluo que se Amílcar Cabral tivesse presenciado essas atitudes que os combatentes passaram a ter e o estado na qual se encontrava a nação guineense no período pós a independência, certamente questionaria o sentido da luta.

O “suicídio de classe” deveria passar necessariamente para a classe dirigente do Partido, afinal 11 anos da luta para libertação custou muitas vidas que tombaram pela causa nobre, as quais devem ser honradas, homenageadas, mas isso não veio a acontecer. A realidade tornou-se outra e passou a ser uma mera brincadeira, um jogo de xadrez, o que fez o artista e combatente da liberdade de pátria Aliu Bari compor a canção “*N’ka mati lá*”, que significa literalmente “Não faço parte”. Essa canção representa a revolta dum combatente de liberdade da pátria que ficou furioso com a má gestão do país, evidenciando que ele não fará parte da “Mandjuandadi”, isto é, da conjuntura do clientelismo e do nepotismo que se verificava na altura. Alguns ficam a vaguear com o nome de mudança quando na verdade a mudança não foi sentida pelo povo. Bari vai ainda mais longe ao dizer que não fará parte e nunca se juntará a essa gestão. De fato, muitos saíram e não quiseram fazer parte, como podemos constatar na canção de Dupla

de Forombal intitulada “Guiné Tené Cossera”. Essa canção relata a vida dos antigos guerrilheiros de PAIGC que se desviaram do plano maior:

Jose Carlos Schwarz pressentiu o lado da modernização, com a falta do senso de medida daqueles que antes nada possuíam e o impulso de usufruir ao máximo dos bens de consumo, finalmente alcançáveis. O poeta compôs em contrapartida a Apili uma canção, Badjudá preta fina ironizando as pretas finas da pequena burguesia, uma raça nova que estava surgindo, moças que estavam em os carros e frequentavam todas as boas famílias da sociedade, sem mais o recato e a modéstia de antigamente. (AUGEL, 2007, p. 288)

3.2 A separação entre Guiné e Cabo Verde

Após a independência, o PAIGC tinha traçado os objetivos a serem cumpridos no primeiro período. Mas isso não aconteceu devido a contradições existentes no seio do Partido. Má gestão e vidas luxuosas são levadas a cabo pelos dirigentes que na altura se desvincularam e, por fim, perderam o norte totalmente do plano maior. A canção "Apili" demonstrou na verdade a real face e os novos comportamentos antirrevolucionários que os combatentes adquiriram depois da tomada da nação guineense. Perante essas atrocidades, o país fica à deriva e com problemas que suscitaram ódio, intriga, além da onda de violência e morte entre os que outrora estiveram juntos pela conquista da Independência. Após a vitória, contudo, os dirigentes do Partido não souberam representar os interesses da nação, prevalecendo as demandas individuais, o que levou a uma severa onda de críticas abertas, como bem afirma Augel:

O primeiro presidente da Guiné-Bissau foi Luís Cabral, um dos principais líderes da resistência anticolonial, chefe militar que comandou uma parte de exército guerrilheiro, figura carismática e de grande respeito no seio dos revolucionários. Entretanto, sua gestão foi marcada por muita instabilidade e uma série de assassinatos de líderes antes irmanados na luta. O país conheceu sua primeira grande crise que culminou com a deposição do presidente Luís Cabral, que governou até 14 de Novembro de 1980, quando ocorreu um golpe de estado, tendo como justificativa salvaguardar a unidade nacional e os ideais revolucionários. (AUGEL, 2007, p. 62-63)

O discurso separatista havia sido muito recorrente no seio do Partido onde se afirmava que os caboverdianos ocupavam lugares centrais da administração em detrimento dos guineenses. Essa conjuntura levou a uma inflamação sem precedentes. Contudo, se formos ver somente pela questão da meritocracia, os caboverdianos tinham de fato nível de conhecimento acadêmico mais alto em relação aos da Guiné.

Os nascidos em Cabo Verde tinham o privilégio de ir à escola muito mais cedo do que os nativos da Guiné, uma vez que Cabo Verde já dispunha de liceu em meados desde 1886, enquanto que o primeiro Liceu disponível na Guiné foi no ano de 1959.

Vemos como são distantes as realidades educacionais dos nativos da Guiné e das ilhas de Cabo-Verde, de maneira que sempre os guineenses elencaram esse distanciamento e privilégio daqueles. É importante trazer estes elementos que deram os caboverdianos mais chances em termos educacionais o fato de que a capital da antiga Colônia da Guiné tinha como sede Cabo-Verde. Obviamente o fato de a ser capital numa determinado localidade já evidencia bastante sua relação de prevalência em relação aos outros lugares. Isso nos leva a concluir que na verdade era vantagem para os nativos de Cabo-Verde ter mais privilegio não só durante a luta, mas também depois da independência, quando os nativos das ilhas ocuparam os lugares de destaque, ou seja, os postos estratégicos, em razão, sempre, é bom repetir, dos conhecimentos que eles tinham e que os nativos da Guiné não tinham. Essa discrepância de fato gerou hostilização por parte dos guineenses para com caboverdianos.

A partir disso podemos ver com clarividência a obra dos colonos que era dividir para se poder reinar melhor. Por que isso? Presumo que eles sabiam que de fato essa desigualdade semeada por eles de criar a escola numa parte e não em outra causaria um dia a discórdia. Tanto é que logo essa crispação veio a ser sentida durante a luta e no período pós-independência. Além disso, mesmo entre os nativos da Guiné que frequentavam a escola, só tinham oportunidade aqueles com o título de assimilado, isto é, aqueles cujos pais trabalhavam na administração colonial. Esse cenário levou José Carlos Schwarz a cantar “*Na Nega Bedju*”, que significa “Recuso-me a envelhecer”. Essa canção remete às brigas de ascensão ao poder dentro do Partido que culminaram com a separação definitiva da Guiné e Cabo Verde, sacramentada com golpe de estado do dia 14 de novembro de 1980, liderado pelo então Comissário do Interior, João Bernardo Vieira, apelidado de Nino Vieira. Esse imbróglio deu origem à separação que na verdade era sentida como inevitável no seio do Partido e das populações.

N na nega bedju⁸
 Ka djudjdu bim pirgisa
 Kamiñu lundju inda di ainda.

N na nega bedju
 Ka mon bin moli
 Pa tempu di kumpo terá, ai ka fikan

N na nega bedju
 Pa kerensa ke n tem na bo, Guiné
 N na nega bedju

N na nega bedju
 Pa kerensa ke n tem na bo kauberdi
 N na nega bedju.

(AUGEL, 1997, p113)

O cancionista José Carlos Schwarz nunca cessa de caminhar conforme a metas traçadas desde o primórdio da luta. Como essas metas nunca saíram do foco de suas canções, pode-se perceber porque ele afirma que recusa envelhecer. Pelo amor que ele tinha a Guiné e Cabo Verde, Schwarz se recusará a envelhecer porque o caminho ainda é muito longo ainda para percorrer. Esse caminho visava à criação do “homem novo” proposto por Amílcar Cabral e que consistia não só em unir esses dois territórios, mas também à árdua tarefa da reconstrução que o país precisa fazer depois da dominação colonial recuperar a nossa identidade cultural e fortalecer a nossa união.

Essa convocação não se limitava somente à fala de Amílcar Cabral, ecoando em uma das estrofes do Hino Nacional da Guiné-Bissau, que diz o seguinte: “Ramos do mesmo tronco / olho na mesma luz / esta é à força da nossa união / cantem o mar e a terra”. A partir desta estrofe do hino, vê-se como o Amílcar Cabral planejou, ou seja,

⁸ Recuso-me a envelhecer
 não quero que os meus joelhos enfraqueçam
 pois o caminho a percorrer é ainda longo.

Recuso-me a envelhecer
 não fiquem as minhas mãos sem forças
 para poder estar na hora da reconstrução

desenhou numa forma metafórica o desejo da união. Simbolizando os dois territórios como “ramos do mesmo tronco e olho na mesma luz”, simboliza a união de Guiné Cabo Verde também esse verso remete ao passado histórico escravocrata onde os escravos trazidos do porto de Cacheu e toda costa da Senegâmbia como era chamada uma parcela do território da costa ocidental africana compreendida atualmente como Senegal, Gambia e Guiné-Bissau. As pessoas escravizadas nesse território foram levadas para as ilhas de Cabo Verde que, segundo a crônica do descobrimento do rio da Guiné do historiador Gomes Eanes de Zurara publicado no ano de 1841, essas ilhas não eram habitadas. Foram os nativos da Guiné que os portugueses levaram para seu povoamento porém certamente essa é a metaforizado do Amílcar. Na outra estrofe acrescenta “olho na mesma luz”, essa luz remete a tocha da libertação, obviamente esse será e o caminho comum que nos levará à direção da independência. Mesmo sendo territórios diferentes, o objetivo eram o mesmo: a luta para as independências das duas colônias. A referência ao “mar” e a “terra” revela a situação geográfica dos dois territórios, uma vez que Guiné se encontra na parte continental e Cabo Verde corresponde à parte insular.

Primeira fase, dois fatores foram determinantes para desarticulação do PAIGC: primeiro foi às configurações sociais do passado colonial, herança que o partido não conseguiu gerir, e que de forma gradativa esvaziou o fulgor “unidade” que era um importante elemento entre as partes; o segundo foi causado por um processo natural, próprio das organizações. Ou seja, a conquista da independência permitiu com que o PAIGC saísse da condição de “opositor revolucionário” para assumir o controle absoluto do poder governativo, situação que provocou a articulação dos fins, diversificou interesses e provocou confrontos violentos entre os militantes. (SEMEDO, 2009. p. 38)

Certamente, a chamada de atenção reveladora do JC a não cumprimento dos planos traçados pelo Partido nos direciona de fato a enxergar existência de desvios dos princípios estruturais que outra ora regem a perfil do partido, ou seja, os dirigentes optaram-se pelos caminhos tortuosos na qual não vai de acordo com as regras que norteava a conduta que o partido deveria seguir. A disputa pela ascensão do partido entre guineenses e caboverdianos é criticada pelo poeta JC, quando ele diz que se recusa a envelhecer, uma vez que o tempo de reconstrução ainda não chegou e o assentamento do binacionalismo deve ser uma realidade, conforme as diretrizes que nortearam a criação do PAIGC.

A polarização da elite no seio do PAIGC, dividida entre guineenses e caboverdianos, nos primeiros seis anos, responsável pelas constantes contradições internas no partido e que o conduziu ao fracasso ideológico. Em parte, esta situação deveu-se essencialmente a incapacidade que o partido demonstrou em não conseguir ocultar os benefícios seletivos distribuídos entre os seus militantes. Ao não conseguir manter o equilíbrio de interesses ficou ameaçado o propósito de unidade binacional e a luta pelo poder era cada vez mais evidente (SEMEDO, 2009. p. 46)

Como resultado dessas disputas, no dia 14 de novembro de ano de 1980 deu-se o golpe de estado chamado como movimento reajustador que derrubou o então presidente caboverdiano Luís Cabral e levou ao poder o guineense João Bernardo Vieira, denominado por (Nino Vieira) que no seu discurso legitima o golpe como uma segunda Independência, afinal os caboverdianos sempre foram tidos como privilegiados por ocuparem a maioria dos lugares-chave durante o processo da luta, sendo essa crítica recorrente desde os primórdios da luta até a ruptura entre os dois territórios.

O imbróglio diversionista na minha percepção foi sempre criado e alimentado pelo colonialismo, visto que os colonialistas tinham feito de dividir para dominar. Nesse sentido, como já afirmamos, o colonialismo condicionou uma boa educação para os nativos de Cabo Verde, o que os possibilita de trabalhar nas repartições da administração colonial portuguesa. Esse fato mais tarde levou um mal-estar no Partido, e que motivou Schwarz a compor a canção "*Nau no ka na seta*". Essa canção traz a visão crítica de JC sobre os motivos pelos quais o partido vinha sendo dirigido, onde imperava o clientelismo, quando a administração foi tomada por pessoas que não aderiram à luta, apresentando-se só depois da vitória. Eis a canção:

Nau no ka na seta⁹
 Pa bu dana nomi di partidu, kalla
 Bu bim nsomba- nsombadu

Ku djitu di ngoda
 Bardadi kaladu Ku
 fitu di mborla

Si bu djunta kabas
 Si bu djunta kalma
 Ku indimigu di no pubu

Mufunesa, kalla

Si bu djunta ku purku
 Forel ke bu ta kume
 Ika mandjuandadi di partidu, kalla.

Bu tchiganta Kurpu
 Bu kibinim n sinta
 Djusto kalla di no djuntu djorson
 Tempu di labor ba, tempu di kalura

(AUGEL, 1997, p-97)

Essa canção nos permite constatar a realidade dos fatos que a briga interna proporcionou, assim como a hemorragia que PAIGC queria estancar desde o 1º Congresso realizado em Cassacá em 1964, contudo não foi o que ocorreu, perdurando até hoje no âmbito do Partido. A memória histórica e política dos primórdios da luta permaneceram e as cíclicas divergências continuaram. Em razão desses fatos, fez com os mais baixos na hierarquia do Partido, no caso os soldados que não tinha destaque, foram vitimados, e os anseios de ter uma pátria melhor e uma vida digna por eles como o

⁹ Não, não admito isso!
 não admito que manches a honra do partido ora!
 vieste com trifulhice
 com jeito de mesquinhos
 verdade em silencio
 com sentido de andar de lado
 Se juntas a tua cabaça
 se juntas a sua caneca
 Com o inimigo do povo
 isso é uma infelicidade.
 se te juntas ao corpo
 acabas por comer farelo
 E isso não é camaradagem partidária ora!
 pelo fato de teres afastado um pouco
 para eu me sentar não
 significa que sejamos da mesma geração tempo da canseira já passou

Amílcar tinha proposto se apagou. Essas decepções ceifaram a esperança da vida dos combatentes que nas matas sonhavam em ter um país livre e próspero, porém tudo isso não foi concretizado como aconteceu com o velho N’dingui.

A estória é tecida a partir de várias decepções: o velho, N Dinguí morreu sem ver realizada a promessa feita aos antigos combatentes de melhor pensão, de integração na sociedade; seus amigos e camaradas também esperaram em vão, tendo como último desapontamento a ausência dos “comandantes” no enterro de, N Dinguí. Sem dinheiro, sem trabalho, sem honrarias, sem reconhecimento de espécie alguma pelo que fizeram pela pátria durante as lutas de libertação, esses velhos guerrilheiros, com suas medalhas e suas recordações, são a imagem mesmo da decadência e da desolação “Kikia matcho” é um retrato sem retoques da situação de pouca esperança reinante no país depois da independência. (AUGEL, 1999. p-45)

O ambiente de mal-estar que se vivia e acontecia no Partido levou a decepções e gerou ódio e intriga entre camaradas. É possível perceber isso na terceira estrofe da canção, “*Si bu djunta kabas, si bu djunta kalma, Ku indimigu di no pubu*” (Se misturamos prato, e colher com o inimigo do nosso povo).

Essa passagem relata a revolta com que José Carlos Schwarz contesta uma nova aliança, a qual ele considera uma traição porque, pois os que não participaram da luta foram privilegiados e os que serviram a administração portuguesa agora são os mais destacados para figurar no seio da gestão em lugares estratégicos. Por isso ele adverte que não aceita que isso aconteça no partido, uma vez que as ideias estão sendo postas de lado em detrimento de uma nova aliança que deturpa os princípios idealizados do partido. JC vai ainda mais longe no verso “*Si bu djunta ku purku Forel ke bu ta kume*” (Se mistura com o porco / farelo sempre há de comer). Schwarz critica sempre essa nova postura adotada pelos dirigentes de unir, ou seja, criar uma nova aliança com a classe, digamos assim, de elite (Djintons de praça) que surgiu depois da independência e levou uma série de desvios e contrates de crises que arruinou o sonho dum único Estado, ou seja, do mononacionalismo entre Guiné e Cabo Verde.

Muito embora um dos propósitos da luta de libertação foi garantir igual direito a todos os cidadãos, como acesso a serviços de educação, saúde, justiça e lazer, ou seja, de criar condições que atendessem as necessidades básicas das populações, a ação do Estado guineense após a independência tem resultado mais no privilegia da elite emergente do que em garantir os pressupostos pelos quais havia lutado. Bastava à ascensão ao poder para repetir as mesmas práticas da época da colonização (SEMEDO, 2009 p. 46).

Isso deixa evidente que JC se incomodava com o crescimento dessa nova classe dentro do seio do Partido. Em seguida, essas contradições do clima de mal-estar e conflito de interesses dos dirigentes predominaram fortemente até o ponto de atingir as estruturas do regime, o que levou ao colapso que veio a originar o golpe de 1980. É preciso salientar que essa cataclisma da época oriundo das desavenças no seio duma única formação política e militar existente, na altura levou à derrocada das forças estatais no sentido de se erguer a nação.

Perdeu-se o norte justamente em razão das intrigas alimentadas pelo nepotismo e clientelismo entre os camaradas. É preciso destacar a referência do passado colonial como um dos elementos que influenciaram em alguns comportamentos nesse período após a independência política. Apesar da liberdade política, a herança colonial persistiu na conduta e mesmo na mudança de conduta de alguns heróis revolucionários. A arte de JC, suas canções de denúncia, vigora ainda hoje como um dos principais testemunhos dos valores revolucionários, assim como denunciam sua traição. E ao partir no dia 27/05/1977 o legado deixado pelo JC e as funções desempenhada a pos-independencia exerceu cargo de Diretor de Departamento de Arte e Cultura Responsável pelo departamento de Cultura Desporto do JAAC¹⁰ e Encarregado dos Negócios da Guiné-bissau em Cuba foi o ultimo cargo exercido ate a trágica acidente de aviação ocorrido no aeroporto José Martí em Havana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho visa contribuir na difusão da literatura guineense além-fronteiras. Certamente a nossa literatura é ainda embrionária se comparada com algumas outras nações africanas de expressão portuguesa, nomeadamente Angola e Moçambique, sem perder de vista escritores guineenses relevantes e já conhecidos internacionalmente como Abdulai Sila, Odete Semedo, Tony Tcheka, Filinto de Barros etc.

Tratar da literatura dum país africano pequeno de pacata economia e politicamente instável para um mundo globalizado pressupõe muitas coisas, entre as quais a dificuldade, na Guiné contemporânea, para a publicação das obras, visto que a situação econômica do país é precária e as edições dos trabalhos geram custos que na

¹⁰ JAAC: Juventude Africana Amilcar Cabral.

verdade os escritores e todo o pessoal das artes em geral não dispõem de verbas financeiras para as edições e tampouco há incentivo por parte do governo em ajudar na difusão dos trabalhos literários. Certamente em razão de situações como essa é que levou Antonio Candido a refletir sobre as imensas dificuldades materiais que condicionam a pequena representatividade da literatura de países periféricos, onde fatores de ordem socioeconômica e política entravam sobremaneira a veiculação e divulgação de bens culturais. (Augel, *apud* Candido, 1987, p-143-144).

Logo no início da pesquisa nos deparamos com essa dificuldade, no que se refere à seleção das informações bibliográficas que esclarecessem e ajudassem na melhor forma de enxergar esse país, sem reiterar, ou seja, cair por outras fontes em estereótipos ou obter informações não confiáveis.

Entretanto, os livros da pesquisadora Moema Parente Augel – *ORA DI KANTA TCHIGA* e *O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau* – serviram como guia indicando caminhos para o presente estudo, entre outras razões devido a sua ampla reunião de informações a respeito da literatura guineense. Não podemos deixar de ressaltar também a tese do Rui Jorge Semedo intitulada *A face do monopartidarismo na Guiné-Bissau (1974 a 1990)*, no que diz respeito à contextualização política da Guiné-Bissau. Essas obras ajudaram de forma positiva para que esse trabalho seja uma realidade.

Assim sendo, a reflexão histórica e sociocultural na Guiné-Bissau atual, enquanto nação em construção, leva à sensação de estagnação do país desde a tomada da nossa independência aos dias atuais. Para não ser pessimista, certamente houve avanços e mudanças, porém essas mudanças não são tão satisfatórias visto que ainda a falta de quase tudo ainda é presente, o que demonstra a realidade do país. Quarenta e cinco anos após sua emancipação, Guiné-Bissau ainda dependente da comunidade internacional para suprir as necessidades nos setores cruciais do desenvolvimento, nomeadamente a saúde, a educação, a agricultura e as infraestruturas.

Portanto, em meio a essas insuficiências, a representatividade literária das canções de JC demonstra a importância da estética e da representação simbólica através do discurso surgido no passado, e que hoje serve como base de inspiração nas canções dos rappers guineenses que também criticam o modelo da atual gestão nacional e denunciam, nas letras das suas canções, a onda de corrupção existente. Através disso, podemos dizer que a visão crítica de JC nos primórdios da nossa jovem nação deu frutos e a visão reveladora de sempre em ter a pátria em primeiro lugar prevaleceu e fortificou o olhar

dos guineenses na contemporaneidade.

O nosso progresso ultimamente se verifica nos setores da cultura e dos desportos, onde os atletas que representam o país têm tido bons desempenhos. Na cultura, o grupo folclórico Netos de Bandim sempre granjeia títulos em diversos países onde se apresenta. Por exemplo, já vieram ao Brasil, assim como já foram a Macau e China, ganhando 10 títulos em diferentes festivais organizados recentemente em Portugal. Apesar dos avanços vistos nessas áreas supracitadas, a Guiné-Bissau viveu e ainda vive refém do julgo de alguns indivíduos e partidos políticos. Uma vez que a maior parte da população não consegue usufruir de suas potencialidades que o país dispõe em razão de objeções ao desenvolvimento, continuamos a viver nas vicissitudes dos escombros.

Ao chegarmos ao final deste trabalho de conclusão de curso (TCC), certamente não esgotamos todo o conteúdo relacionado à produção deste estudo, portanto a possibilidade de retornarmos às discussões futuras trará mais reflexões e desafios a respeito da nossa jovem literatura cuja existência constituirá sempre uma herança capaz de catapultar e fazer conhecer mais profundamente a história da Guiné-Bissau.

REFERÊNCIAS

AUGEL, **O desafio do escombro**. Nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

AUGEL, **ORA DI KANTA TCHIGA** José Carlos Schwarz e o cobiana Djazz. 1997 (INEP), Instituto Nacional de estudos e pesquisa, Bissau.

AUGEL, Moema Parente. “**Prefacio – Três Faces da Nação**” In: Abdulai Sila. A última tragédia. 2011.

AMONA, Dingana. **Narrativas da Nação Guineense a partir da Literatura**. Redenção, 2016

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos** (1750-1880), Editora: Ouro sobre Azul. 2013

CABRAL, Amílcar. **A Arma da Teoria**. Praia, Cabo Verde, 1945

CHEIK Anta Diop - **Origem Africana da Civilização**.

<chrome://history/?q=tchogue.blogspot.com.br>

FILINTO, de Barros. **Kikia matcho**. Filinto Barros Editorial, S.A Caminhos, Lisboa 2010.

MANZONI, Ahiranie Sales S; ROSA, Daniela Botti da. **Gênero canção**: múltiplos olhares. Universidade Federal de Alagoas, 2010.

HISTÓRIA, **A Guiné e as Ilhas de Cabo Verde PAIGC**, 1974.

HISTÓRIA, **geral da África • IV África do XII ao XVI**/ Editado por Djibril Tamsir Niane. – 2ed. Ver. –Brasília: UNESCO, 2010.

<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0401.pdf> Acessado 24.03.2018

<http://batalhaocacadores2885.blogspot.com.br/2009/05/> Acessado:19.04.2018

<http://senegambia.blogspot.com.br/2005/01/indice-da-guin-bissau-histria.html> Acessado:06.01.2018

<http://tabancapequenadematosinhos.blogspot.com.br/2010/09/490-napalm-na-guine.html> Acessado:04.04.2018

<http://triplov.com/novaserie.revista/index.html> Acessada: 09.04.2018

<http://triplov.com/novaserie.revista/index.html> Acessado:10.04.2018

<http://www.didinho.org/Arquivo/Resistenciaafricanasaodominicolonialportugues.pdf>

Acessado: 17.01.2018

<http://www.didinho.org/MEMORAVELJOSECARLOSSCHWARZ2009.htm>

<http://www.ics.ul.pt/instituto/> Acessado: 13.02.2018

<http://tchogue.blogspot.com/2015/10/guine-bissau-29-anos-apos-fuzilamentos.html>,

Acessado: 20.03.2018

http://www.labeurb.unicamp.br/elb/portugues/lingua_franca.htm

Acessado: 07.01.2018

<http://www.myspace.com/joscarlosschwarz> Acessado: 09.05.2018

<http://www.castroesilva.com/store/sku/1304JC040/chronica-do-descobrimento-e-conquista-de-guine> Acessado: 11.04.2018

MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. **Guiné-Bissau: da luta armada à construção do estado nacional** – conexões entre o discurso de unidade nacional e diversidade étnica (1959-1994). Tese de doutorado. Salvador, 2013.

MONTESQUIEU, **Do Espirito das Leis**- Publicado, 1748.

SILVA, Dilma de Melo. **Por entre as Dórcades encantadas: os Bijagó da Guiné-Bissau**/Dilma de Melo Silva. -- São Paulo, 2000.

Revista espaço Acadêmico: “Falar de Amílcar Cabral é falar das lutas dos povos”. n.º 139, Dezembro de 2012.

SEMEDO, Odete. **Entre o ser e o amar**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), Bissau, 1996.

SEMEDO, Rui Jorge da Conceição Gomes. **PAIGC: A face do monopartidarismo na Guiné-Bissau (1974 a 1990)** / Rui Jorge da Conceição Gomes Semedo. -- São Carlos: UFSCar, 2009.

TCHECA, Tony. **Noites de insónia na terra adormecida**. Tony Tcheca GUINÉGRÁFICA, Bissau, 1996.